

Memória Histórica da Comunidade Quilombola de Garanhuns

TIMBÓ

Por: Célia Alves da Cruz Figuerêdo



**MEMÓRIA HISTÓRICA
DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE GARANHUNS**

TIMBÓ

Célia Alves da Cruz Figuerêdo

Autora: Célia Alves da Cruz Figuerêdo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Cadena

Design e Diagramação: Matheus Lineke da Cruz Figuerêdo.

Imagens: Célia Alves da Cruz Figuerêdo.

F475m Figuerêdo, Célia Alves da Cruz

Memória histórica da comunidade quilombola de

Garanhuns : Timbó / Célia Alves da Cruz Figuerêdo, 2023.

52 f. : il.

**Originalmente apresentado como Relatório técnico de
Mestrado Profissional em História**

1. Quilombolas - Garanhuns (PE) - História.

2. Patrimônio cultural. 3. Pernambuco - História. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
INTRODUÇÃO.....	08
ORIGEM DA ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL.....	09
A BUSCA PELA LIBERDADE.....	12
QUILOMBOS.....	14
QUILOMBOS EM GARANHUNS.....	17
COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS EM GARANHUNS.....	20
TERRITORIALIDADE: CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS IDENTITÁRIOS DE UM GRUPO.....	21
A ORIGEM DA COMUNIDADE DO TIMBÓ.....	22
TIMBÓ.....	23
NOSSA SENHORA DE NAZARÉ, A IGREJA MAIS ANTIGA DE GARANHUNS.....	24
A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.....	26
O TOMBAMENTO DO SÍTIO HISTÓRICO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.....	28
PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	32
O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO TIMBÓ.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

APRESENTAÇÃO

A presente cartilha é um produto da pesquisa desenvolvida pela autora no Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, tendo por objetivo a divulgação da história da Comunidade Quilombola do Timbó, que também representa os cativos fugidos, que lutaram pela liberdade, apesar da incerteza de alcançá-la. A fuga representou para os cativos a luta contra a repressão imposta pela sociedade que os escravizava.

A cartilha tem ainda o propósito de divulgar para as comunidades quilombolas e a população em geral de Garanhuns, o conhecimento do patrimônio histórico e religioso da comunidade quilombola do Timbó.



INTRODUÇÃO

A Comunidade remanescente de quilombo Timbó está localizada no município de Garanhuns, fazendo parte das seis comunidades quilombolas existentes no município. Nela está edificada a igreja mais antiga do Município de Garanhuns que tem como padroeira Nossa Senhora de Nazaré.

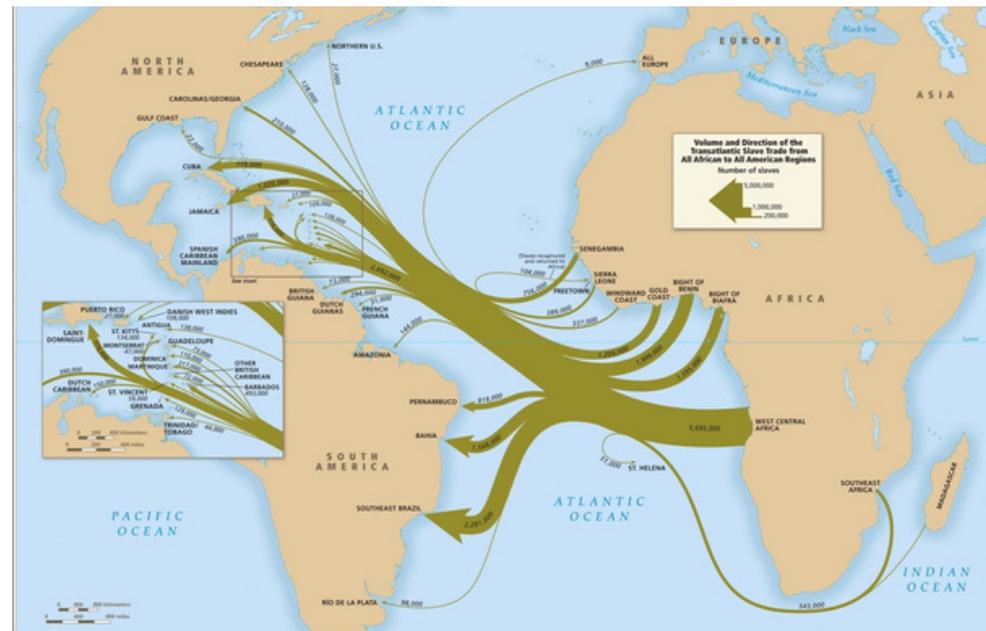
A história da comunidade do Timbó tem início com a chegada de José Vitorino, um escravizado fugido da Bahia, que trouxe consigo a imagem da santa, Nossa Senhora de Nazaré. Ao se instalar nas terras onde hoje é o território do Timbó, José Vitorino, que era viúvo, casou-se com uma mulher nativa da região e, juntos, formaram um núcleo familiar. Aos poucos outros cativos fugidos se juntaram a eles e formaram o quilombo do Timbó.

O conhecimento sobre o surgimento do Timbó estava limitado a pesquisadores e acadêmicos. No entanto, a presente cartilha quer estender esse conhecimento para as demais comunidades quilombolas existentes no Município de Garanhuns e para o público em geral, que tinha apenas conhecimento limitado sobre a edificação, no sítio Timbó, da Igreja mais antiga de Garanhuns, desconhecendo a origem e a formação do quilombo, como também da sua padroeira, Nossa Senhora de Nazaré.

Origem da Escravização no Brasil

No ano de 1530 teve início a escravização no Brasil, promovida pelos portugueses ao implantar de maneira efetiva as medidas de colonização da América portuguesa. Esse processo atendia às necessidades de mão-de-obra para trabalhar na lavoura e na mineração.

Volume e direção do comércio transatlântico de escravos de toda a África para todas as regiões americanas.

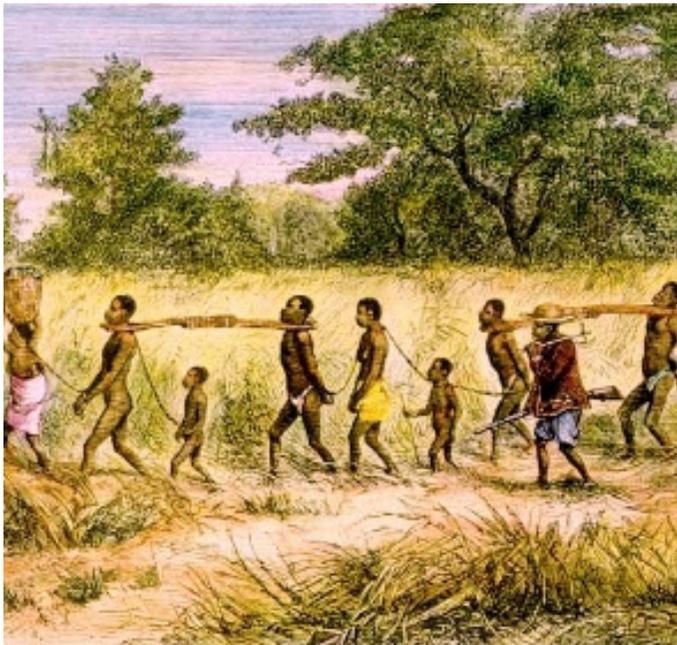


Fonte: Slave Voyages. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/blog/volume-and-direction-trans-atlantic-slave-trade>>.

MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GARANHUNS TIMBÓ

Inicialmente, os povos indígenas nativos foram o alvo desse processo, porém, entre os séculos XVI e XVII, de maneira gradativa, a escravização dos africanos foi introduzida. Ao longo de séculos, o tráfico negreiro, uma migração forçada, trouxe ao Brasil milhares de homens, mulheres e crianças africanas para serem explorados em sua força de trabalho.

Africanos Capturados como escravos sendo levados ao litoral para serem exportados,



Fonte: <itaperiuense.com.br>.

Os homens e mulheres capturados, quando aqui chegaram, passaram a ser identificados pelos europeus, como africanos independentemente das suas descendência no continente natal. Eles foram submetidos a trabalhos forçados, castigos e maus tratos severos, que provocaram altos índices de mortalidade.

Entre os escravizados havia homens e mulheres de linhagem real como “reis, príncipes, rainhas, princesas, sacerdotes, artistas” (GOMES, 2015, p. 8), isto é, pessoas com funções sociais que não se referiam a uma rotina de trabalhos forçados.

MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GARANHUNS TIMBÓ

Os escravizados africanos trabalharam na produção de açúcar, nos engenhos, com jornadas de trabalho exaustivas, de 20 horas por dia, além disso, os maus tratos físicos eram a principal forma de repreensão dos senhores de engenhos.

Feitor açoitando negro, Jean-Baptista Debret.



Fonte: Tempo imagem, Gazeta do Povo, 2018

A Busca pela Liberdade

Na literatura temos os livros de Marcus de Carvalho, “Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850”, de 2010; e João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, “Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil”, de 1996, que nos trazem uma amostra sobre a resistência dos escravizados, além de retratar o cativo, as rebeliões e as fugas como estratégias de sobrevivência e resistência às autoridades coloniais que os submetiam a uma vida de escravidão.

Carvalho (2010), ao refletir sobre a expressão “liberdade”, nos mostra que ela não se limita à repressão direta e dependência pessoal, mas uma oposição à noção de “não-liberdade”.

Analizada dentro de um contexto histórico concreto, a liberdade é:

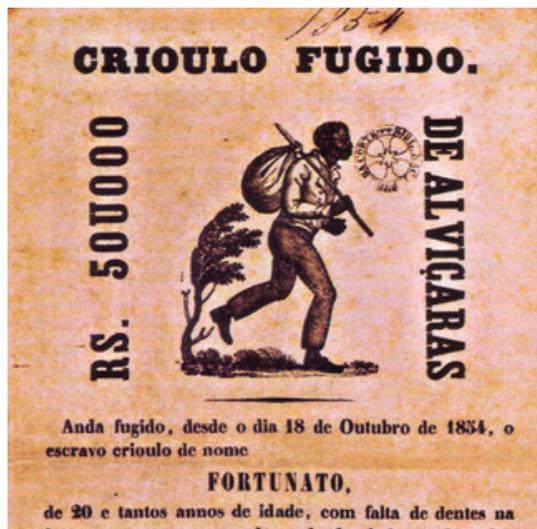
um processo de conquistas, que podem ou não ser alcançadas durante o correr de uma vida. É o desdobramento de um conjunto de direitos que podem ser adquiridos, ou perdidos, um a um com o tempo. É, portanto, um caminho a ser percorrido, e não uma situação estática e definitiva. Não existe, portanto, liberdade absoluta. E, mesmo no caso de sua mais radical ausência, resta sempre uma escolha final, entre a vida e a morte

(CARVALHO, 2010, p. 210)

MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GARANHUNS TIMBÓ

A reflexão levantada por Carvalho (2010) lembra o complexo processo de fuga, em que o cativo fugido, ao se embrenhar na mata, se depara com a solidão, o perigo da recaptura, a hostilidade do meio ambiente que o impediam de “reproduzir as práticas agrícolas e pastorais africanas” (CARVALHO, 2010, p. 211). Neste contexto, a liberdade atrelava-se à experiência de vida, às tradições de uma cultura, sendo impossível adquirir liberdade isolada socialmente.

Cartaz fixado no Rio de Janeiro que alertava sobre escravo fugido em 1854



Fonte: Agência Fiocruz de Notícias
(2008)

As primeiras notícias de fugas de escravizados vieram dos canaviais e engenhos localizados no Norte, os registros em jornais da época, divulgavam regularmente anúncios a procura de cativos fugidos, conforme a descrição apresentada na figura.

Quilombos

Os escravizados africanos trazidos ao Brasil eram enviados para “fazendas, engenhos e garimpos” (CARVALHO; LIMA, 2013, p. 329) e submetidos a trabalhos forçados, em condições precárias. Essa realidade incentivou as fugas, o que resultou na formação de grupos denominados de quilombos. O aquilombamento, segundo Reis e Gomes (1996, p. 10), era o conjunto das “comunidades relativamente independentes”, erguido distante dos grandes centros, historicamente datado dos séculos XVII e XVIII, período colonial, como uma forma de resistência ao sistema escravocrata.

Segundo Gomes (2015), o termo quilombo aparece e permanece em documentos do século XVIII,

na documentação colonial as comunidades de fugitivos foram denominadas ao mesmo tempo de mocambos, principalmente na Bahia, e de quilombos em Minas Gerais; e o termo quilombo apareceu em Pernambuco somente a partir de 1681. Assim, mocambos (estrutura para erguer casas) teriam se transformados em quilombos (acampamentos)

(GOMES, 2015, p. 11)

O território brasileiro, especialmente, as matas eram áreas apropriadas para a construção e reconstrução de quilombos, escolhidas por favorecer os cativos fugidos, meios para a sobrevivência, pois, geograficamente estavam distantes das cidades, permitindo produzir e exportar o excedente para a venda nos centros urbanos ou para outro quilombo (REIS; GOMES, 2015).

Segundo declarado por Reis e Gomes (2015, p. 25):

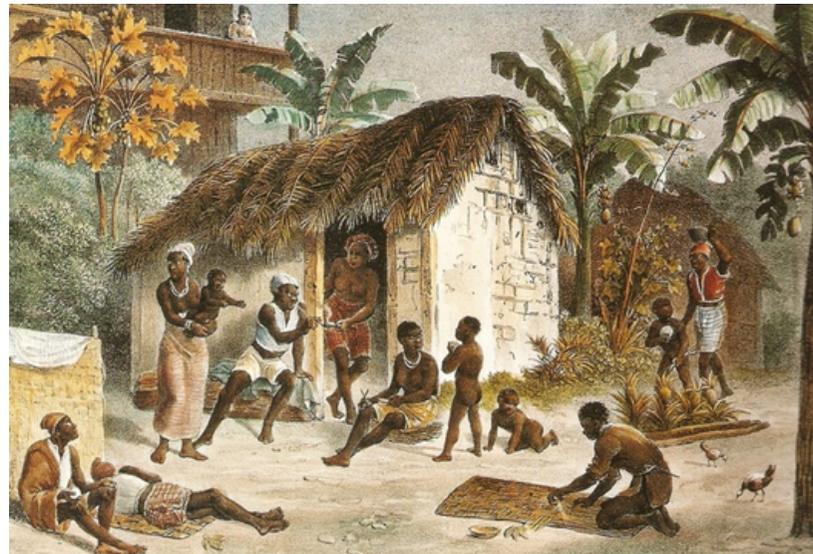
os quilombos brasileiros ocuparam sertões e florestas, cercaram e penetravam em cidades, vilas, garimpos, engenhos e fazendas; foram atacados e usados por grupos escravistas, aos quais também atacaram e usaram em causa própria; fugiram da escravidão e se comprometeram com a Escravidão; combateram e se aliaram com outros negros, índios e brancos pobres; criaram economias próprias e muitas vezes prósperas

MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GARANHUNS TIMBÓ

Os quilombos, segundo Gomes (2015, p. 34), “eram comunidades móveis de ataque e defesa”. Estrategicamente, alguns deles foram transformados em unidades de guerrilhas para atacar as fazendas em que os senhores “preparavam tropas para capturá-los”.

Era comum encontrar, nessas comunidades, uma diversidade de pessoas: taberneiros, lavradores, faiscadores, garimpeiros, pescadores, roceiros, camponeses e mascates, todos compartilhavam do mesmo interesse: a liberdade.

Casa de negros de Johann Moritz
Rugendas, 1835



Fonte: Museu Imperial (2023)

Quilombos em Garanhuns

No município de Garanhuns, a presença dos cativos fugidos está retratada na obra do pesquisador Alfredo Leite Cavalcanti, “História de Garanhuns”, publicada em 1968, no qual encontramos um quadro descritivo da formação histórica do município. Os fugitivos também aparecem no hino da cidade, de autoria do compositor João Marques:

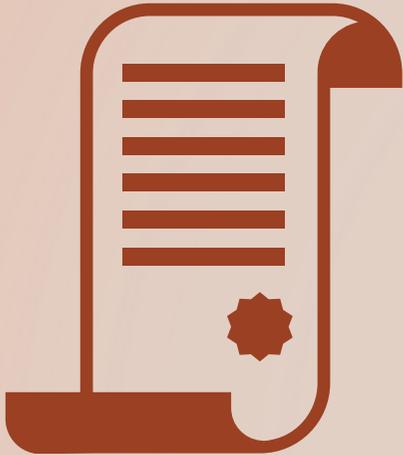
“Os teus vales bravios outrora Esconderam
fugitivos de cor A liberdade da Terra arvora
Estes homens de novo pendor”(Marques,
1995)

Segundo Cavalcanti (1968), a ocupação das terras e a formação dos quilombos no município ocorreu da seguinte forma:

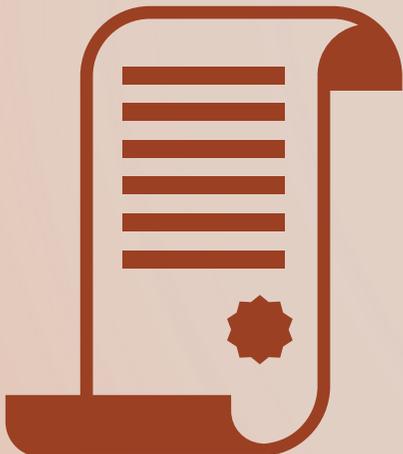
muitos negros cativos, fugindo aos maus tratos que lhes davam os seus senhores, embrenhavam-se nas matas das imediações do litoral, onde organizavam mocambos e o modo primitivo de vida da África, de onde vinham presos e, eram vendidos pelos traficantes. Com o seu grupo sempre aumentando, tanto pelas contínuas adesões, como pelo crescimento da prole, quando tinham necessidades de certos produtos que completavam a sua manutenção, os obtinham por troca por produtos de suas lavouras e peles de animais que caçavam ou então, em bandos, atacavam as povoações e os adquiriram pela força
(CAVALCANTI, 1968, p. 31)

A presença dos cativos fugidos nos arredores de Garanhuns rendeu constantes reclamações junto ao governo, porém, os reclamantes não obtiveram resposta positiva, embora alegassem frequentes prejuízos. Na ocasião, o governo guerreava contra os flamengos, no entanto, após a restauração da Capitania, em 1654, o governo voltou sua atenção para o pedido dos reclamantes, e:

mandou o rei atacar e destruir as fazendas e sítios existentes para o norte e este, em cujas terras foram os negros organizando mocambos e construindo outros quilombos, como o do Magano, nas cabeceiras do riacho São Vicente, subúrbio da atual cidade de Garanhuns
(CAVALCANTI, 1968, p. 32)



Segundo Anderson Leon Almeida de Araújo, doutor em História, no artigo "Os flamengos, os holandeses, a América - contribuições neerlandesas no novo mundo", a expressão 'flamengos' é usada em textos historiográficos para unificar flamengos e holandeses, embora não fossem uma unidade política. Para o senso comum, "formavam uma pseudo-unidade caracterizada sempre pelo tino comercial, técnico e humanista" (ARAÚJO, 2012, p.3).



A ocupação holandesa no Nordeste, estendeu-se de 1630 a 1654 .

Comunidades Remanescente de Quilombos em Garanhuns

No município de Garanhuns, existem 6 comunidades remanescentes de quilombo:

Castainho
400 famílias



Tigre
160 famílias



Estivas
200 famílias



Estrela
170 famílias



TIMBÓ
150 famílias



Caluete
132 famílias



Territorialidade: construção de vínculos identitários de um grupo.

A categoria jurídica “Remanescente de Quilombo” surgiu com a promulgação da constituição de 1988, no artigo 68, da ADCT. A Constituição Federal reconheceu o direito das comunidades quilombolas às terras e a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) articulou movimentos sociais, junto aos juristas e antropólogos, para debater sobre o procedimento de implementação do artigo constitucional, esclarecendo o entendimento sobre quem são os “remanescentes de quilombos”. Ao considerar o “direito coletivo”, o termo recebeu nova ressignificação: “comunidade remanescente de quilombos” (VOGT, 2014).

O Decreto Presidencial 4887 diz:

Art.2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade (VOGT, 2014)

A Origem da Comunidade do Timbó

Pelo que meu pai falava... pelo que meu pai falava! ... Um negro, um negro escravo que chegou aqui, um Zé Vitoriano, era José Vitor de Anchieta... ele era fugido, veio de Angola, segundo dizia eles. Aí ele ficou em Ilhéus na Bahia. Lá ele ficou e de lá ele fugiu, saiu a fora e chegou aqui em Garanhuns. Quando chegou em Garanhuns, aí começou a trabalhar prum padre. Dizem que ficou trabalhando prum padre... Aí ele ficou trabalhando pro padre. Aí ele falou pro padre que era fugitivo, que tava fugido. O padre falou: "Tá certo, quando chegar aqui eu resolvo". Com dois anos o senhor dele veio, ele chegou em Garanhuns. Aí ele (o padre) falou: "Apois eu compro a alforria do negro". Comprou a alforria do negro. Dizem que até custou cento e vinte mirréis. Naquele tempo um nego muito bom, pra ser muito bom, assim dizia eles (o pai e o avô), (...), mas o negro porque tinha muito prestígio, o patrão botou o pé na parede. Cento e vinte, o padre pagou. Ele já tinha ganhado esse dinheiro já. (...) Ele era viúvo e deixou três filhos na Bahia. Aí quando o padre comprou a alforria dele, ele trabalhou mais um pouco e foi buscar os filhos na Bahia. Pagou a alforria deles, agora não sei quanto. Pagou a alforria dos três filhos e veio aqui pra Garanhuns. Aí o padre mandou ele caçar, precurar terra vazia, onde ele achasse ele se alojasse... Dizem que quando ele chegou no Cavaco por diante, aí ele desceu: do Arto do Cavaco ao Arto do Benedito; ao Rio da Inhumas, ao Rio de Mandaú, ao Arto do Benedito. Aí ele alojou-se, aí ele foi lá e o padre passou um documento pra ele. Aí ele alojou-se lá. (...).

(INCRA. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo do Timbó. Documento oficial do INCRA. Recife, set. 2011.)

A formação histórica do Timbó pode ser compreendida pela narrativa de um timbozeiro, denominado por Cantarelli (2011, p. 60) como "informante 2".

Timbó

A denominação Timbó advém da existência das nascentes do riacho Timbó, um afluente da bacia hidrográfica do rio Mundaú, que corta a comunidade. O nome é de origem tupi e, no livro “O tupi na geografia nacional”, de Teodoro Sampaio (1901), Timbó significa: “a planta cujo suco mata o peixe; vara, vergôntea (*Paullinia Pinnata* L)”. Trata-se de um cipó de uso tradicional dos índios brasileiros, que após macerado e introduzido na água, produz um efeito entorpecente nos peixes que são pegos facilmente (CANTARELLI, 2011, p. 91)

Planta Cipó do Timbó (Paullinia Pinnata)



Fonte:<<https://agro20.com.br/timbo/>>

Nossa Senhora de Nazaré, a Igreja mais antiga de Garanhuns

As narrativas dos timbozeiros revelam que a origem do quilombo entrelaça gratidão, promessa e devoção de um cativo fugido à Nossa Senhora de Nazaré. Esse ato religioso articula as relações entre a construção da igreja, conhecida como “a igreja do Timbó”, dedicada à santa, e a fundação da comunidade quilombola do Timbó. A construção da igreja, segundo os relatos orais, ocorreu por volta de 1814.

Cavalcanti (1968) relata que, em 1855, a então vila de Garanhuns já se compunha de cento e cinquenta e seis casas e provavelmente o arruamento já ultrapassava de muito a antiga Matriz. Por resolução do vigário, padre Nemésio, iniciou-se a construção de uma nova igreja, mais ampla e melhor localizada, no local onde, atualmente, se ergueu a Catedral.

A construção da Matriz da cidade de Garanhuns, dedicada a Santo Antônio, teve início em 1855 e terminou em 1859. Essas datas revelam o valor histórico-cultural da igreja do Timbó, considerada hoje a mais antiga, ainda edificada, na cidade de Garanhuns.

Fotografia antiga da Igreja de Nossa senhora de Nazareth do Timbó



A imagem de Nossa Senhora de Nazaré

A igreja, erguida na comunidade do Timbó, tem Nossa senhora de Nazaré como sua padroeira. Essa imagem, segundo os moradores quilombolas, foi esculpida em Portugal e trazida por um cativo fugido da Bahia, que ao chegar à região, juntou-se a outras famílias de cativos fugidos que viviam nas matas. Juntos, eles ergueram a capela e, ao seu redor, a comunidade surgiu e foi crescendo com o tempo. A devoção à Nossa Senhora de Nazaré, no Timbó, não segue a mesma devoção à Nossa senhora de Nazaré do Pará.

No Relatório Final, escrito por Silva (2002), sobre a Comunidade de Nossa Senhora de Nazaré do Timbó, está ressaltado que a data da festa do Timbó, não é a mesma data da festa oficial da Igreja Católica, “nos meses de setembro ou outubro”, pois o Círio de Nazaré, em sua tradicional comemoração, acontece no dia 10 de outubro. Pelo fato do Timbó comemorar Nossa Senhora de Nazaré, tendo como ponto alto da festa o dia 2 de fevereiro, Silva (2002, p. 15) conclui que: “a imagem da padroeira (do Timbó) é uma representação de Nossa Senhora da Purificação da Bahia, onde as festividades em sua homenagem tem como ponto alto, o dia 2 de fevereiro”.

Imagem de Nossa Senhora de Nazaré do Timbó



Fonte: Acervo pessoal Célia Alves (2023).

O Tombamento do Sítio Histórico de Nossa Senhora de Nazaré

Em decorrência da necessidade de uma reforma na igreja do Timbó, visando à sua preservação, uma solicitação de tombamento foi solicitada em 1980 pelo então prefeito, Ivo Tinô do Amaral. O pedido recebeu um parecer negativo.

Segundo Meneses (2021, p. 138), somente depois de 28 anos que a prefeitura de Garanhuns solicitou novamente o tombamento da Igreja do Timbó, em 11 de maio de 2009, com processo de número 0404542-1/2009. Sete anos depois, em 07 de junho de 2016, com a publicação no Diário Oficial do Estado, o exame técnico foi deferido da seguinte forma:

Ressaltamos que o tombamento da igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Timbó e o processo de preservação que advém irá ressaltar a função simbólica desta edificação, não apenas expressando simbolicamente as identidades individuais e sociais, mas organizando a percepção da comunidade sobre si mesma e em relação ao poder público. [...] A FUNDARPE é, portanto, de parecer favorável ao Tombamento definitivo do “Sítio Histórico da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Timbó”, na forma da legislação vigente. O polígono de proteção extrapola a igreja, abrangendo o conjunto que compõe a comunidade, tendo em vista sua significância como remanescente de quilombo, e por representar parte da história da luta desse povo para o Estado e para o País. Recife, 31 de maio de 2016
(FUNDARPE, 2016, p. 58)

A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), no segundo exame técnico reconheceu a relevância da Igreja atrelada à preservação da história da comunidade, “identificando os elementos imateriais, suas formas de expressão e como estão relacionados com a materialidade da Igreja” (MENEZES, 2021, p. 139).

O referido documento diz:

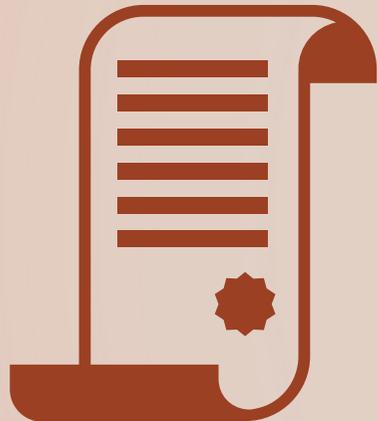
O Patrimônio é o espaço mais representativo da história do Timbó. Foi lá onde a ocupação teve início. Nesta área está a maior concentração de moradias e os mais importantes marcos históricos da comunidade, a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, cuja importância extrapola os limites da comunidade, sendo importante para a história de toda a região; a praça onde a comunidade realiza reuniões e festejos, e os dois cemitérios da comunidade.

[...] Não existe unanimidade quanto à data da chegada de José Vitorino a Garanhuns tampouco prova documental. Não se pode estabelecer uma data exata baseada apenas na oralidade, mas é possível situar dentro de um período aproximado e que é suficiente para o

próprio grupo

(FUNDARPE, 2016, p. 14)

Em 18 de fevereiro de 2020, o Decreto estadual N° 48.693 foi promulgado, estabelecendo que:



Homologa a Resolução n° 018, de 31 de outubro de 2019, do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural, declaratória do tombamento da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Timbó, situada no Distrito de Iratama, Município de Garanhuns, neste Estado.

Interior da igreja do timbó

Interior da igreja do timbó



Fonte: Acervo pessoal Célia Alves (2023).



Fonte: Acervo pessoal Célia Alves (2023).

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) definem como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural."

Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO TIMBÓ

A Festa de Nossa Senhora de Nazaré

A devoção à Nossa Senhora de Nazaré é, para os quilombolas do Timbó, a representação da proteção da santa. Essa devoção motiva os quilombolas da comunidade a organizar e participar das comemorações em homenagem à santa, que se iniciam no dia 24 de janeiro com a missa de abertura, seguida por novenas. O ápice da festa ocorre no dia 02 de fevereiro com a festa. Entre os ritos praticados durante o período dos festejos dedicados à santa, está a reza do terço, que merece destaque por sua singularidade: a ladainha é recitada em latim.

Durante esse período acontecem, ainda, apresentações culturais nos quilombos de Caluete, Tigre, Estiva, Estrela e Castainho, realizadas nos fins de semana, ocasiões em que pessoas das cidades vizinhas vão participar das festas. Ainda durante os festejos, há a procissão da Bandeira, saindo da casa da madrinha, pessoa que guarda o ícone por um ano. A Bandeira é levada até a igreja para ser apresentada aos participantes da festa que, juntos, saem em cortejo para os sítios a pé. Ao retornar, a Bandeira é levada para a casa de um novo guardião.

Festa de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Prefeitura Municipal de Garanhuns, 2023

O Terço com Ladainha em Latim

A reza do terço à Nossa Senhora com a ladainha em Latim é uma prática que acompanha a família Mendes por décadas. Iniciada pela senhora Maria Francisca Mendes, Dona Liu, que repassou para a filha, Dalva, atualmente, com 80 anos e com problemas de saúde nas cordas vocais, o que a impede de continuar com o rito.

Visando à continuidade da reza, há quinze anos, Dalva ensinou à filha Maria Lúcia Mendes, Zinha, conforme entrevista concedida à autora de forma remota, o consentimento de publicação está guardado no acervo da autora:

*Minha avó chegou, aqui no Timbó novinha, com uns 30 anos e minha mãe, falou que ela aprendeu aqui no Timbó, deve ter sido com os mais antigos da comunidade (...) aí ela ficou responsável (...) eu já ia desde pequena, porque minha vó era muito da igreja e levava todos nós, porque quando era no mês de maio, ela ia para a igreja rezar o terço, colocava o candieiro na cabeça e não tinha esse negócio de não querer ir, tinha que ir todo mundo
(Maria Lucia Mendes, 4 jun., 2023)*

"Fala concedida a autora de forma remota, o consentimento de publicação está guardado no acervo da autora"

A Religião de Matriz Africana - "Mãe Nora "

Maria Nora de Melo, conhecida por Mãe Nora ou Mãe da Inhumas, referência a barragem da Inhumas é a única detentora da religião de matriz africana, no Timbó. Hoje com 63 anos de idade, ela se iniciou na prática dessa religião aos 20, quando recebeu uma entidade pela primeira vez. Os quilombolas das comunidades e pessoas de várias crenças das cidades vizinhas vêm até ela em busca de consulta aos búzios, trabalhos e benzimentos.

Representações do sincretismo religioso no Timbó



Fonte: Cantarelli (2011, p. xxxiii)

A Arte do Timbó Representada por:

Mauro Firmino

O escultor Mauro Roberto Firmino dos Santos, morou no sítio histórico do Timbó por 20 anos e hoje reside no sítio Peri Peri, que integra o território do Timbó. Ele utiliza, na confecção de suas artes, restos de madeira encontrada nas matas ao redor do Timbó. Também produz arte reciclável, com matéria prima e garrafa pet, cipó e cabaça cultivada por ele mesmo. Nas fotos abaixo, o escultor na sua plantação de cabaças e as obras já expostas no FENEARTE (Festival de Inverno de Garanhuns), entre outras feiras patrocinadas pelo SEBRAE. Atualmente, ensina a arte reciclável em escolas e associações.

Foto 1 de Mauro Firmino

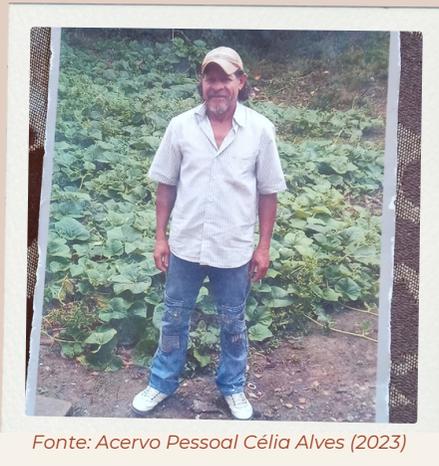


Foto 2 de Mauro Firmino



Esculturas de Mario Firmino



Fonte: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=103748783119526&set=a.103734236454314>>

Mauro Roberto "o mestre desconhecido". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G_6fot7JNCg>

Mestre Fida

Valfrido de Oliveira Cezar, conhecido como Mestre Fida, é escultor, nascido no Timbó. Na adolescência observou um tronco de madeira e fez um boneco, dando origem às esculturas hipocinéticas, conhecidas como bonecos cataventos. Ele utiliza restos de madeiras encontradas nas matas do Timbó para confeccionar suas esculturas, expostas na FENEARTE, Festival de Inverno de Garanhuns e vários outros eventos culturais.

Artes do mestre Fida do Timbó em seu ateliê



Fonte- Acervo pessoal de Célia Alves (2023).

Mestre Juarez



✦ *Nasceu em 12 de Agosto de 1944*

✝ *Faleceu no 17 de março de 2023*

Mestre Juarez, guardião da Igreja e músico popular de Coco de Roda, aprendeu o ritmo acompanhando os pais e avós, dançando e cantando nas festividades das comunidades quilombolas. O grupo "Mestre Juarez e a terra da Lua" fazia apresentações no Festival de Inverno de Garanhuns e em outros eventos organizados pela FUNDARPE.



Fonte: [Http://blogativo2009.blogspot.com.br/postado há 22 de abril de 2013 por amanda Maciel Ferraz \(Editora Chefe\)](http://blogativo2009.blogspot.com.br/postado%20h%C3%A1%2022%20de%20abril%20de%202013%20por%20amanda%20Maciel%20Ferraz_(%20Editora%20Chefe).).

As pessoas que representam a ancestralidade do Timbó

José Praxedes

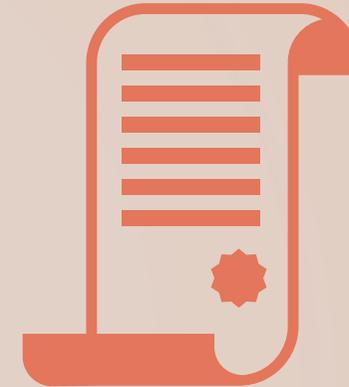
Para o povo do Timbó, José Praxedes foi um líder e religioso, dono de uma sabedoria admirável, envolvido nas questões sociais da comunidade. Ensinou os quilombolas a valorizarem a ancestralidade, era respeitado pelos quilombolas e lideranças de Garanhuns do poder executivo e eclesiástico.

José Praxedes recebeu de "Dom Milton Correia, o 7º Bispo de Garanhuns, que governou a Diocese de Garanhuns de 26/10/1967 a 04/10/1973", com quem mantinha uma estreita relação de amizade, o título de Patrono de Nossa Senhora de Nazaré [entre 1967 e 1973], segundo a narrativa oral dos quilombolas e publicação em 2016, do blog Instituto Garanhuns.

Sr. José Praxedes de Brito com o Papa João Paulo II



Fonte: <<http://garanhunsinstituto.blogspot.com/2016/02/jose-praxedes-de-brito-foi-uma-das.html>>.



A foto se refere ao encontro do quilombola, José Praxedes, com a maior autoridade eclesiástica da Igreja Católica, o Papa João Paulo II, no ano de 1980, na cidade de Manaus.

Espedito Timbó



Nasceu em 11 de Julho 1954



Faleceu no dia 07 de fevereiro de 2022

Espedito Ferreira da Silva, conhecido por Espedito Timbó, grande líder dos Timbozeiros, em parceria com o senhor José Carlos, líder do Castainho e Gilvania líder de Salgueiro, fundaram a Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco. Inicialmente, a comissão cadastrou três comunidades: Timbó, Castainho e Salgueiro, hoje, são mais de 200 comunidades cadastradas em Pernambuco, localizadas desde o Cabo de Santo Agostinho, no litoral, até Afrânio, no sertão.

Este movimento, segundo Emerson Araújo da Silva, serviu de base para criação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) de caráter central, constituído como movimento social, tendo por objetivo:

Lutar pela garantia de uso coletivo do território, pela implantação de projetos de desenvolvimento sustentável, pela implementação de políticas públicas levando em consideração a organização das comunidades de quilombo; por educação de qualidade e coerente com o modo de viver nos quilombos; o protagonismo e autonomia das mulheres quilombolas; pela permanência do (a) jovem no quilombo e acima de tudo pelo uso comum do Território, dos recursos naturais e pela em harmonia com o meio ambiente (CONAQ, 1996)

Foto de Expedito Timbó



Fonte: [Http://blogativo2009.blogspot.com.br/postado](http://blogativo2009.blogspot.com.br/postado)
há 22 de abril de 2013 por amanda Maciel Ferraz (
Editora Chefe)

Dona Bezinha

Edleusa Barbosa de Lemos, Dona Bezinha, nascida em 30 de setembro de 1939, hoje com 83 anos, é a Timbozeira de mais idade e muito respeitada na comunidade. Na adolescência, foi professora. Após o falecimento de José Praxedes, ela e seu esposo, Juarez Bertoldo Lemos, Mestre Juarez, assumiram a responsabilidade de liderar os Timbozeiros na preservação da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

Dona Bezinha na casa mais antiga do Timbó.



Fonte: Acervo pessoal de Célia Alves (2022).

O Uso do Carro de Boi

O Carro de Boi é o principal meio de transporte no período de inverno na comunidade do Timbó. Utilizado para transportar os estudantes, os doentes para atendimento médico em outras localidades, além de carregar mantimentos para a comunidade, rebocar carros atolados devido a precariedade das estradas, entre outras utilidades.

Fotos dos carros de Boi



Fonte:- Emerson Timbó, 2023

Transporte pelo carro de Boi



Fonte: Dona Teresa, moradora do sítio Cavaco, 2023

Considerações Finais

Esta pesquisa revelou que a comunidade do Timbó ainda carece de políticas públicas para que os quilombolas consigam usufruir de seus direitos concedidos pela legislação, como escola, posto de saúde, um programa de incentivo para os jovens permanecerem na comunidade, etc.

Embora o sítio histórico tenha sido tombado pela FUNDARPE, os quilombolas ainda não foram contemplados com nenhum benefício, os problemas persistem e aumentam a cada ano.

A pesquisa foi disponibilizada no formato de uma cartilha, como forma de ofertar o conhecimento sobre a comunidade quilombola do Timbó para a população das outras comunidades quilombolas de Garanhuns, para o corpo discente e docente e o público em geral. O objetivo do conhecimento é divulgar a história da comunidade formada pela devoção e construção de uma Igreja dedicada à Nossa Senhora de Nazaré, patrimônio histórico da cidade de Garanhuns.

Na busca por conhecer o patrimônio imaterial do Timbó, nos foram reveladas pessoas detentoras do conhecimento histórico da fundação da comunidade. Artistas que imprimiram o nome Timbó em suas obras, ultrapassando os limites das 7 colinas. Ao passo que divulgam seus feitos, preservam a cultura que privilegia a devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

Ao término deste trabalho que perdurou dois anos e meio, após a superação de um período pandêmico, que exigiu a mudança de rota na programação de algumas modalidades da pesquisa, previamente planejadas. Foi o caso de visitas à comunidade, sendo parte delas realizadas de forma remota e outra parte, presencial.

Fica a certeza de haver contribuído para manter viva a Memória Histórica da Comunidade Quilombola do Timbó, por meio da divulgação da presente Cartilha, nos veículos de comunicação, nas modalidades impressa e digital, de forma gratuita.

Referências

ALTOÉ, Larissa. **Resistência negra: Brasil teve quilombos de norte a sul.** Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17171-resist%C3%A2ncia-negra-brasil-teve-quilombos-de-norte-a-sul>> Acesso em 16 de Junho, 2023.

ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de. **Os flamengos, os holandeses, a América: contribuições neerlandesas no novo mundo.** Ed. Universidade federal Rural do rio de Janeiro. 2012.

BERNARDES, Elis. **Afrodescendentes no Itaperiú.** Disponível em: <<http://www.memoriaitaperiuense.com.br/2010/02/os-negros-no-itaperiu.html>>. Acesso em 16 de Junho, 2023.

CANTARELLI, Jonnhy R. Rocha. **Relatório Antropológico de Identificação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo de Timbó**. Recife: INCRA, 2011. P. 91

CARVALHO, Marcus J. M. De. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822- 1850**. 2.^a ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

CARVALHO, Roberta Monique Amâncio de; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Comunidades quilombolas, territorialidade e a legislação no Brasil: uma análise histórica quilombolas**. Revista de Ciências Sociais, n. 39, outubro de 2013, pp. 329-346. Disponível em:<ISSN 0104-8015 | ISSN 1517-5901> . Acesso em 03 de jun. 2023.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. 1^ª ed. Recife, FIAM / Centro de Estudos de História Municipal, 1968.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS – CONAQ. Controladoria-Geral da União. 1996. Disponível. em:<<http://conaq.org.br/>>. Acesso em: 20/08/2023.

Estudo analisa condições físicas e de saúde de escravos com base em anúncios. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/estudo-analisa-condi%C3%A7%C3%B5es-f%C3%ADsicas-e-de-sa%C3%BAde-de-escravos-com-base-em-an%C3%BAncios>> .

Acesso em 16 de jun. 2023

FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO. Exame Técnico: Tombamento da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré da comunidade quilombola do Timbó, Iratama, Garanhuns-PE. Recife, 2016.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, Coleção Agenda brasileira, 2015.

JOSÉ PRAXEDES DE BRITO FOI UMA DAS MAIORES EXPRESSÕES DO POVOADO DO TIMBÓ EM GARANHUNS, 11 de fevereiro de 2016 Disponível em: <<http://garanhunsinstituto.blogspot.com/2016/02/jose-praxedes-de-brito-foi-uma-das.html>>. Acesso em 17 de jun. 2023.

Mauro Roberto. **O mestre desconhecido.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=G_6fot7JNCg>. Acesso em 18 de Agosto, 2023.

MENESES, Janine Primo Carvalho de. **Memória e história no direito à terra quilombola: o Timbó de José Victorino da Conceição Anchieta – Garanhuns, PE (séc. XIX - tempo presente).** 2021. 240 f. Dissertação (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

Natural trilhas - Mestre Juarez catando as cantorias da cultura do timbó.ASF. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=xMrfYJkmlNU>>. Acesso em 18 de ago. 2023.

PREFEITURA DE GARANHUNS. **Festa de Nossa Senhora de Nazaré.**
<https://garanhuns.pe.gov.br/festa-de-nossa-senhora-de-nazare-tem-inicio-na-comunidade-quilombola-timbo-em-garanhuns/2022>

REIS, João José; GOMES, Flávio Santos (orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, João Amaro Monteiro da. **Relatório final sobre a comunidade de Nossa Senhora de Nazareth do Timbó.** Garanhuns: Fundação Cultural Palmares, 2002.

VOGT, Gabriel Carvalho. **O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) como instrumento de reparação: território, identidade e políticas de reconhecimento.** O Social em Questão, Ano XVII - nº 32 – 2014.

A TRAVESSIA DO ATLANTICO: O TRÁFICO NEGREIRO, REDE ESCOLA DIGITAL, Protagonismo Digital. Disponível em: <
<https://www.protagonismodigital.sed.ms.gov.br/planos-de-aula/a-travessia-do-atlantico-o-traffic-negreiro-1>>. Acesso em 08 de ago. 2023.

Timbó é planta geralmente utilizada na pesca para atordoar peixes. Agro20. Disponível em:<<https://agro20.com.br/timbo/>>. Acesso em 28 de nov. 2023